

Um fragmento de saber a partir da função passadora: tecituras entre fiapos e fiscos que podem ter efeitos de transmissão¹

Isabela Cristina Batista Ledo Carapeto

Resumo

A Escola de psicanálise seria um lugar em potencial que pode ser *tecido*, contingencialmente, a cada vez que alguns se lançam e se enlaçam em um trabalho por meio de seus dispositivos-teares: cartel e passe? Os teares, dispositivos antiquíssimos, podem criar condições para a novação, dado que seu funcionamento depende do modo singular como cada tecelão se dispõe a operá-los. O objetivo do artigo é trazer um fragmento de saber que se *desfiou* de uma experiência no dispositivo do passe a partir da função passadora. Um passador, embaraçado em sua própria teia já puída, esburacada, e ávido por uma costura que ganhe contornos de rasgamento, apontando uma saída, dispõe-se à tecitura. No esforço ingênuo de não se embaraçar, esquece-se de que não é sem equivocação que uma passagem se produz. O dispositivo passa, assim, de um tear a uma arapuca. Ao tentar *apanhar* algo, um passador pode se ver *apanhado*, provando uma nova relação com o saber inconsciente. Apanhado pela arapuca languageira, pode-se produzir um passo fora das significações comuns, permitindo a escrita do novo.

Palavras-chave:

Escola; Passe; Psicanálise; Saber; Transmissão.

A fragment of knowledge from the passer function: weavings between lints and fiscos that may have transmission effects

Abstract

The School of psychoanalysis might be a place that can be *built up* in a flexible way, whenever people come together and work through their unique tools: cartel

¹ Texto apresentado na modalidade oral no Espaço Escola do XXIII Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil) com o tema: Fórum <> Escola: o que há de novo?

and pass? These tools, very old in nature, can help spark new ideas because they work based on how each person decides to use them. This article aims to share a piece of knowledge gained from *working with* the pass tool, starting with the role of the passer. A passer, caught up in their own damaged and flawed web, longing for a fix that starts to tear open, showing a way out, gets ready to weave. In the simple effort to avoid getting tangled, they forget that making a path isn't straightforward. Thus, the tool changes from a loom to a trap. Trying to *catch* something, a passer might end up being *caught*, experiencing a new way of understanding hidden knowledge. Getting caught in this trap of words, one can step beyond usual meanings, making room for new ideas to be written down.

Keywords:

School; Pass; Psychoanalysis; Knowledge; Transmission.

Un fragmento de saber a partir de la función pasadora: tejidos entre pelusas y fracasos que pueden tener efectos de transmisión

Resumen

La Escuela de psicoanálisis podría ser un lugar potencial que se puede *tejer*, de manera contingente, cada vez que algunos se lanzan y se entrelazan en el trabajo a través de sus dispositivos telares: ¿cartel y pase? Los telares, dispositivos antiquísimos, pueden crear condiciones para la innovación ya que su funcionamiento depende del modo singular en que cada tejedor decide operarlos. El objetivo de este artículo es compartir un fragmento de saber que se *desprendió* de una experiencia en el dispositivo del pase, a partir de la función del pasador. Un pasador, enredado en su propia red ya desgastada y agujereada, y ansioso por un cosido que comience a desgarrar, mostrando una salida, se prepara para tejer. En el esfuerzo simple de evitar enredarse, olvida que hacer un camino no es directo. Así, el dispositivo cambia de un telar a una trampa. Al intentar *atrapar* algo, un pasador puede terminar siendo *atrapado*, experimentando una nueva forma de entender el saber inconsciente. Quedando atrapado en esta trampa de palabras, uno puede dar un paso más allá de los significados habituales, haciendo espacio para que se escriban nuevas ideas.

Palabras clave:

Escuela; Pase; Psicoanálisis; Saber; Transmisión.

Un fragment de savoir à partir de la fonction de passeur : tissages entre peluches et échecs qui peuvent avoir des effets de transmission

Résumé

L'École de psychanalyse pourrait être un lieu potentiel qui peut être *tissé*, de manière contingente, chaque fois que certains se lancent et s'entrelacent dans le travail au moyen de leurs dispositifs de métiers à tisser : cartel et passe ? Ces dispositifs très anciens que sont les métiers à tisser peuvent créer des conditions pour l'innovation puisque leur fonctionnement dépend de la manière unique dont chaque tisseur choisit de les utiliser. L'objectif de cet article est de partager un fragment de savoir qui *a émergé* d'une expérience avec le dispositif du passe, à partir de sa fonction de passeur. Un passeur, pris dans sa propre toile déjà usée et trouée, et désireux d'une couture qui commence à se déchirer, laissant entrevoir une sortie, se prépare à tisser. Dans l'effort naïf d'éviter de s'emmêler, il oublie que tracer un chemin n'est pas sans équivoque. Ainsi, de métier à tisser, le dispositif devient un piège. En tentant *d'attraper* quelque chose, un passeur peut finir par être *capturé*, faisant l'expérience d'une nouvelle façon de comprendre le savoir inconscient. Pris dans ce piège de mots, on peut faire un pas en-dehors des significations habituelles, faisant place ainsi à l'écriture de nouveaux.

Mots-clés :

École ; Passe ; Psychanalyse ; Savoir ; Transmission.

Estou sempre meio na borda.
Por que não, desta vez, me lançar?
(Lacan, 1971-1972)

(...) os farrapos, os resíduos: não quero inventariá-los,
e sim fazer-lhes justiça da única maneira possível: utilizando-os
(Benjamin, 2006)

A Escola seria um lugar em potencial que pode ser *tecido*, contingencialmente, a cada vez que alguns se lançam e se enlaçam em um trabalho por meio de seus dispositivos-teares: cartel e passe? Os teares, dispositivos antiquíssimos, podem criar condições para a novação, na medida em que seu funcionamento depende do modo singular como cada tecelão se dispõe a operá-los. A aposta é trazer um fragmento de saber que se desfiou de uma experiência na função passadora, a qual parece ficar no centro de um emaranhado. Um passador, embaraçado em sua

própria teia já puída, esburacada, e ávido por uma costura que ganhe contornos de rasgamento, apontando uma saída possível, dispõe-se à tecitura. Para não se embarçar na trama do outro, des-a-fia-se a destramar, a situar no desfiladeiro significativo o fio lógico pelo qual o passante bordou e abordou sua história e o passo em falso que o fez zarpar, deixando-o por um fio, escancarando o vazio que *se prestou*, contingencialmente, a lhe *emprestar* um trapinho de língua para se fiar e se ancorar.

Alguns significantes singulares que compunham os ditos da passante, t-ocados pela função poética da língua, esforçam-se em fazer passar um dizer estrutural em jogo, em jorro: a busca ziguezagueante por uma estabilização das significações, à qual um sujeito se lança, já denuncia a *bambeza* que nos constitui. Dependendo da palavra para se contar é sempre um exercício de se equilibrar em uma corda *bamba*. Nos descaminhos de uma travessia analítica, onde se espera encontrar um Outro, de repente, um *machado*, um corte se impõe e se recompõe, com sorte, como um *achado*, que *se presta a quebrar um galho*, a improvisar um desembaraço e apontar para outro modo de seguir tecendo a vida. Um ato decisivo, sem dúvida, mas que aponta para uma bambeza incurável. O furo não é dado a estabilizações de qualquer ordem. É preciso achar um jeito de se virar a cada vez.

Um passador, então, põe-se nesse bamboleio, nesse esforço inglório de não cair, sem se dar conta de que não é sem equívocação que uma passagem pode produzir-se. Entre os diferentes tempos que compõem o exercício dessa função, destaco aquele em que o passador se vê um pouco à deriva, sozinho com suas notas e voltas em torno do que escutou do passante. Foi nesse tempo incerto, em que parecia não encontrar mais uma ancoragem em uma narratividade modelada pela razão, que falei em análise: “só tenho pedacinhos soltos do que escutei da passante, como apanhar algo que sirva?”. Já de saída, ironizei: “ao falar, vou apanhar”, e vejo-me “*apanhada*” por um enxame linguageiro. Um escrito novo de uma travessia analítica, regulado pelo material fônico, per-furando os sentidos, depreende-se aos pedacinhos, estilizado. Um consentimento pôde operar daí: é no titubear do trabalho com o próprio inconsciente, no modo próprio como alíngua pôde ser falada e ouvida, que algo que escapa aos ditos pode passar (Lacan, 1975/1998).

O dispositivo do passe, assim, passa de um tear a uma arapuca. Ao se lançar a tentar “apanhar” algo do passe do passante, o passador pode ver-se apanhado, provando outra relação com o saber inconsciente. Não é o passador ou o passante que passa. “Isso” passa, “Isso” é provado no corpo. A ocorrência do discurso analítico pode ser atestada assim: ao tentar apanhar, somos apanhados, somos trabalhados pelo saber inconsciente (Lacan, 1973-1974/2018) Essa é a arapuca. Poderíamos dizer, então, que “o passador” é uma *ocorrência*: ao se dispor como um leitor, faz-se leito pelo qual o texto passante corre, escorrega, perde suas ade-

rências, suas formas cristalizadas, e (re)ganha um fluxo deformado pela correnteza, revelando que o saber é um jorramento, uma passagem, cuja intenção de atracamento fracassa sempre. Ao se deixar apanhar pela enxurrada linguageira é que um passador pode produzir um passo fora das significações comuns, permitindo a escrita do novo.

A função passadora pode, mas não necessariamente o faz, colocar em operação tal *ultra-passagem*. Não se trata de uma decisão “autoral”, mas de um acontecimento, que faz um deslocamento: “do horror...”, assombro diante de uma totalidade cheia e inacessível (Paz, 1955/2014), “...ao saber”, um furo que dá acesso a pedacinhos, detritos, estilhaços, e é preciso delicadeza para abordá-lo sem tapá-lo, sem cair na tentação de refazer um suposto todo (Lacan, 1967-1968, 1971-1972). “Isso” passa à procura de um corpo passador, feito em córrego, e, ao escavar passagem, reúne fragmentos, em um instante, para escancarar sua dispersão, fazendo escoar qualquer narrativa sustentada pela univocidade de sentido (Lacan, 1971/2009).

Passador, passante, cartel do passe — funções distintas, que se tocam por um campo vazio e descontínuo do encontro nas mesmas “águas da linguagem”? (Lacan, 1975/1998). Como se lançar nesse aguaceiro, fazendo dos abissais sumidouros uma causa para rede-moinhar, para dissolver formas “cheias” de sentido e acolher detritos que podem ter efeito de transmissão? Nessa superfície lisa e escorregadia, “Isso” *passa pelas bordas, não pelos bordões*. Apostar em um bordado esburacado, graças à função po-ética da língua, visa a advertir para os fiascos dos bordões teóricos, sempre violentos, nos quais, muitas vezes, vemo-nos “apanhados” pelo uso corrente da língua (teoria) para não termos de nos haver com o furo no saber. A enxurrada, o enxame não passam. O passe é que pode prestar-se a passar o enxame adiante.

Referências bibliográficas

- Benjamin, W. (2006). *Passagens*. Belo Horizonte: Editora da UFMG.
- Lacan, J. (1967-1968). *O ato psicanalítico. Seminário 1967-68, livro XV*. Publicação não comercial. Inédito.
- Lacan, J. (1971-1972). *O saber do psicanalista*. Publicação não comercial. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. Inédito.
- Lacan, J. (1998). Conferência em Genebra sobre o sintoma. *Opção Lacaniana: Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, São Paulo: Eolia, (23). (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: de um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2018). *Os não-tolos erram/Os nomes do pai: seminário entre 1973-1974*. Porto Alegre: Fi. (Trabalho original publicado em 1973-1974)

Paz, O. (2014). *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1955)

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023